

250 ANOS DE INFLUÊNCIA AÇORIANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

OSWALDO A. FURLAN*

O tradicional falar da faixa litorânea do Estado de Santa Catarina (SC), que, em 1748/1756, recebeu grande contingente de açorianos, contém traços que o distinguem dos falares circunvizinhos. Dentre eles sobressaem estes: *fônicos*: pronúncia álveo-palatal (chiada) do /s/ final de sílaba (*fisga, diz, mês*); absorção do iode por subsequente /s/ palatalizado (*mais, seis, dois, móveis > dosh... móvesh*); pronúncia velar/uvular do /r/ forte (*roda, carro, genro, bilro, Israel*); apoio paragógico de [e] a oxítonos em -l, -r, -s, -z ante pausa (*sol, mar, mes, faz > sole... fage*); africacão e palatalização de /t, d/ entre iode e vogal recuada átona (*peito, peido > pejtju, pejdju*); ênfase da vogal

tônica em prejuízo das átonas e rapidez de ritmo; elevação entoacional da parte final das assertivas enfáticas (*óia, óia, oia! - Olha...!*); *morfo-sintáticos e léxico-semânticos*: tratamento familiar por *tu x vós*; uso dos termos *gueixa* (potranca), *chamarrita* (manto), *bernúncia* (bicho-papão). Donde procederam esses traços? dos falares do português europeu continental? dos falares açorianos? de outros falares brasileiros? de natural evolução dos falares que o geraram em SC?

1. GÊNESE DO FALAR AÇORIANO-CATARINENSE

O atual falar “açoriano-catarinense” tradicional originou-se do falar comum, *koiné*, resultante de miscigenação, em períodos sucessivos, de três grupos etnolingüísticos principais, a saber:

1) **Vicentistas**, de São Vicente, São Paulo, descendentes próximos dos portugueses, que em fins do século 17, haviam fundado, em SC, São Francisco do Sul

*Professor na Universidade Federal de Santa Catarina, 1973-1993, pós-doutorou-se em Linguística da Língua Portuguesa em Lisboa, 1986/1987, editou 16 livros, um dos quais obteve o troféu Jabuti/1997, e 26 artigos em periódicos especializados do Brasil e da Europa. É sócio-correspondente do Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1982, e sócio honorário do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1989. Coordenou, para SC, o projeto Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), 1987-1996, como bolsista do CNPq.

(1658), Nossa Senhora do Desterro (1662), hoje Florianópolis e Laguna (1682), povoadas que, em 1748, perfaziam 4.197 *catharinenses*;

2) **Açorianos**, 6.071, mais de mil dos quais seguiram logo para o Estado do Rio Grande do Sul (RS): em 1748/1756, elevaram em 144,6% os referidos 4.197; estabeleceram-se na parte central da faixa litorânea (Laguna ao rio Camboriú), havendo-se expandido a toda ela; provieram, segundo relação de 7.817 alistados, de: São Miguel, 326, 4,2%; Terceira, 912, 11,6%; Graciosa, 772, 9,9%; S. Jorge, 2.822, 36%; Pico, 1.776, 22,7%; Faial, 1.207, 15,4%; Madeira, 579 (PIAZZA, 1983: 138-157); os descendentes daqueles 6.071, hoje cerca de 450 mil, dedicaram-se à pesca e à lavoura artesanal no litoral de SC. (Note-se que as sucessivas levas que, desde 1450, povoaram as nove ilhas dos Açores (2.335 km², hoje cerca de 290.000 hs) procederam de todos os recantos e camadas sociais de Portugal continental. Em Faial, S. Jorge e Pico, entre 1450/1473, juntaram-se flamengos, que cultivaram a pecuária.)

3) **Outros**: várias centenas advindos de Portugal continental; mais numerosos, de povoadas da costa brasileira (Santos, Rio, Salvador...); muitíssimos, sobretudo desde 1950, do interior de SC e Estados vizinhos, que vieram mais para concorrer com o “açoriano-catarinense” da área ru-

ral e pesqueira do que para integrar-se a ele.

Como se falava em Portugal continental, nos Açores e em SC em 1750? Sendo impossível sintetizar resposta, vale dizer, *grosso modo*, que: 1) a pronúncia do centro-sul de Portugal continental e dos Açores teria tido os traços mais comuns do falares do Brasil de hoje; 2) o mesmo vale para a morfo-sintaxe, mas Portugal conservava-se mais tradicional no uso de pronomes átonos e nas formas de tratamento, repudiando o *você* brasileiro, já registrado, para o Rio, por volta de 1800; 3) devia haver diferenças léxico-semânticas singificativas, já que o léxico constitui número aberto e que as situações culturais das Ilhas e do Continente eram muito diversas.

2. QUESTÃO DA INFLUÊNCIA AÇORIANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

BOLÉO, 1943, 45, 50, 74, 83, de Coimbra, empenhou-se por acumular indícios em prol de sua (hipótese de que haveria influência dos Açores no falar do Brasil, a qual lhe pareceu “evidente” em SC, em cuja Ilha homônima fez passadeira pesquisa em 1948. ROGERS, 1974, de Harvard, argüiu de não-sólidos os dados e argumentos de Boléo. No Brasil, LAYTANO, do RS, 1974, divulgou como

seguras as idéias de Boléo; SILVA NETO, 1953 e 1970 fez cautelosas distinções.

Para bem responder a essa indagação, o ideal seria fazer o que eles não fizeram: 1) escrever, ao menos aproximadamente, a gramática do português continental, açoriano e catarinense de 1750, bem como a do de hoje: em nível fônico, morfo-sintático e léxico-semântico; 2) definir o que se entende por “influência açoriana”.

Em *Influência Açoriana no Português do Brasil*, 1989, 240 p., e em vários artigos editados em Portugal e no Brasil, propus-me responder à pergunta acima formulada. Para isso, levantei, analisei e comparei usos lingüísticos em diferentes tempos, regiões e classes sociais, sobretudo de Portugal e do Brasil. As dificuldades de tal pesquisa são imensas, de vez que as distâncias dos dados no tempo e no espaço são quase insuperáveis e que o estudo dos falares dos Açores e de SC começaram há poucas décadas, sem frisar que, em 250 anos, esses falares evoluíram. Embora a matéria fosse bem movida, requerendo senso crítico e cautela, julgo ter conseguido alguns resultados seguros, que passo a sumariar.

3. REFORÇO DOS TRAÇOS PORTUGUESES PELOS AÇORIANOS EM SANTA CATARINA

Se o português é latim transformado,

o açoriano-catarinense é latim e português um pouco transformados. Tal conservadorismo constitui resultado natural do *isolamento cultural* a que latim e seu derivado galaico-português, bem como o açoriano e o açoriano-catarinense, permaneceram quase dois mil anos, embora em contextos culturais bem diferentes.

Sinal desse conservadorismo são alguns traços já quase apagados nos falares brasileiros, mas que ainda subsistem no açoriano-catarinense tradicional e que ascendem ao português continental, senão ao próprio latim, a saber: 1) o tratamento familiar por *tu*, *tuteamento*, com verbo na 2a. pessoa do singular, em contraponto com o respeitoso *vós*, *voseamento*: *fosse o cinema?*; 2) resíduo de apoio paragógico [e] a oxítonos em -l, -r, -s, -z ante pausa: *sole, mare, mese, fage*; 3) uso de formas e vocábulos que remontam ao português de 1450 a 1750 (ver abaixo).

Dados permitem concluir que o período de 1450/1750 não foi suficiente para os açorianos fazerem inovações significativas nas regras dos sistema fechado da língua (o fonológico e o morfo-sintático), mas que teriam feito inovações no sistema aberto (o léxico-semântico).

Essas circunstâncias propiciaram a persistência de traços bastante arcaicos do português em Santa Catarina, manifestos em nível fônico, morfo-sintático e

léxico-semântico. De fato, a contribuição mais ampla e mais profunda dos açorianos de 1748/1756 e de seus descendentes consiste em haverem vincado os traços portugueses em SC. BUENO, 1964, p. 78, diz que a pronúncia da capital de SC “*parece-nos a melhor do Brasil*”. Se, com isso, ele quis significar “a mais *portuguesa* do Brasil”, a tese vale, até certo ponto, também para os demais níveis da língua.

4. PROCEDÊNCIA DOS TRAÇOS TÍPICOS DO AÇORIANO-CATARINENSE

1) Os falares do grupo central das ilhas açorianas (Terceira, São Jorge, Pico, Faial) são os que permaneceram mais fiéis e semelhantes ao português continental. Delas é que procederam 95,8% dos alistados para SC. A fidelidade do açoriano-catarinense ao português continental europeu e, em contrapartida, a ausência, em SC, do traço exótico do micalense (desvio seriado da pronúncia das vogais), bem como do terceirense (palatalização ou velarização das consoantes precedidas de palatal ou velar: *foi mjedo; trumbweta*), evidenciam que: (a) a maior influência proveio do grupo central; (b) os traços exóticos, se já então existiam, foram estigmatizados e postos fora de uso.

2) A grande maioria das eventuais inovações fônicas introduzidas pelos açoria-

nos acabaram por diluir-se no falar brasileiro, por efeito de interferência, relativamente ao pré-existente falar local e a outros falares da costa brasileira, sobretudo o do Rio, capital federal. .

3) Alguns traços há cuja subsistência em SC é difícil de se explicar sem a presença açoriana, a saber: a) emprego do *tu* familiar e da correspondente forma verbal, como atesta o shiboleth “*Se quês, quês, se não quês, diz!*”, subsistindo, na área rural, resíduos do obsequioso *vós*; b) certa solidez no uso do apoio paragógico a oxítonos terminados em *-l, -r, -s, -z* ante pausa; c) álveo-palatalização (chiamento) do /s/ final de sílaba; d) uso de alguns açorianismos lexicais não remontantes a Portugal continental: *gueixa chimarrita, bernunça*.

4) A pronúncia velar/uvular do /r/ forte não tem, com certeza, nos açorianos sua vertente, pois seu primeiro registro em Portugal data de 1883. A solidez da velarização em SC sugere ter surgido ela aqui antes de lá. Talvez resulte de influência do falar carioca, mas não é impossível origem autóctone.

5) Alguns traços fônicos explicam-se como resultado de origem e/ou evolução natural em SC, a saber: a) absorção do iode pelo subsequente /s/ “chiado”; b) africa-

ção e/ou palatalização de /t, d/ entre iode e vogal recuada átona; c) ênfase da vogal tônica em prejuízo das átonas, bem como rapidez de ritmo; d) elevação entoacional da parte final das assertivas enfáticas: *Passo frio? Eh! de graninho! não tenho roupa!*

5. ASCENDÊNCIA DO LÉXICO AO PORTUGUÊS CONTINENTAL

1) O vocabulário agropesqueiro, que levantei em 1982, em total de 480 lexias, remonta, salvo sete termos de étimo tupi e de algumas variantes populares, ao português europeu continental e verte das mesmas línguas que originaram o léxico português europeu, ascendendo 70% delas ao próprio latim. O léxico pesqueiro antigo foi transmitido por manuais de pesca. Quase todas as lexias relativas ao *carro-de-bois* integram o *Vocabulário Portuguez & Latino*, de BLUTEAU, Coimbra, 1716, e ascendem aos falares do Norte de Portugal, cujos acidentes topográficos constituem ambiente propício ao desenvolvimento desse veículo: “*CARRRO. Carruagem de carga tirada por boys. Cõsta de leite, chaveiros, fueiros, chamaceiras, mesas, cadeias, cavaletes, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiras, caimbras, eixo, tamoeiro, relhos, brochas, canga, cangalhos, etc. Carro com caxa, he para cal. Carro com*

sebes, cõsta de um contexto de vimes, tecidos, com ‘q se acarreta esterco, segundo a ficção Poetica; (...).’”

2) Subsistem, em nível popular, termos técnicos antigos de pesca, navegação, agricultura, tecelagem e outros, tais como: *brebe* (breve, bentinho); *botica* (bodega, depósito, farmácia); *borzeguim* (botina de cordões); *croste* (colostro); *nuelo* (nu, recém-nascido); *(ar)riba* (acima); *sabujo* (cão/homem servil); *sestroso* (manhoso, sagaz); *sino-saimão* (signo-Salomão, estrela davídica); *trempe* (tripé); *fado/fada*; *fato* (intestinos de animal); *galego* (português, loiro).

3) Há indícios claros de que não surgiram nos Açores, mas que ascendem ao português continental, os seguintes vocábulos, usuais no litoral de SC e já apontados como de origem açoriana:

a) **Arcavém**, s.m., parte traseira do leite do carro ou carroça. “Arcavém, também *alcavém*, deriva de *recavém*, termo generalizado em todo o Brasil (ocorre em SC e RS), apesar das corruptelas” (SOUZA, 1960). *Recavém* consta no referido *Vocabulário* de Bluteau, 1716.

b) **Pão-por-Deus**, n.m., pedido de víveres, roupa, dinheiro..., feito oralmente ou por escrito, em papel com formato de coração. Usual na Terceira, ouvi o termo em Portugal continental; parece proceder de costume alentejano.

c) **Terno-de-reis**, n.m., festejo em homenagem aos Reis Magos, no qual um grupo de foliões, batendo de porta em porta e cantando versos ao som de (três) instrumentos, pede donativos. Sob forma de *reisado* e/ou *folia de reis*, subsiste em vários pontos do litoral brasileiro, evidenciando vertente portuguesa continental.

6. AÇORIANISMOS LEXICAIS SUL-BRASILEIROS

O uso, em SC, de ao menos três vocábulos não se explica sem a presença açoriana nesse Estado, a saber:

a) **Chimarrita**, s.m., dança de roda portuguesa, conhecida em Madeira, Açores e Brasil Sul (RS e SC, onde aparece a variante *Chamarrita*). Étimo: *Chimarra*, batina sem mangas + *-ita*.

b) **Gueixa**, s.f. Nos Açores e na Califórnia açoriana, *gueixo*, *-a*, designa novilhinho, vitelo, bezerro. No Sul do Brasil (RS e SC), *gueixa* designa potranca ou, menos vezes, égua. Apresentei proposta inédita de étimo: do flamengo *jeitje*, pron. *'khejtshē*, “cabrito” (em alemão *Ziege*), cognatos de *gaita*. Base: evolução fonética natural; presença flamenga no Arquipélago.

c) **Bernúncia** > **bernunça**, s.f., personagem fantástica de bicho-papão no folclore do boi-de-mamão. Deriva do latim *abrenúntias*, “renúncias”, através de

substantivação, em SC, desse termo usado como interjeição equivalente a “Deus me livre!”, que ainda está em uso em Portugal continental e que tem variantes: *abrenuz*, em São Miguel, *abrenúncia*, na Guiné Bissau, *abrenúncio* ou *abrenúncia* em Cavo Verde.

7. EM “AÇORIANÓPOLIS”, ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS DE ÉTIMO PORTUGUÊS

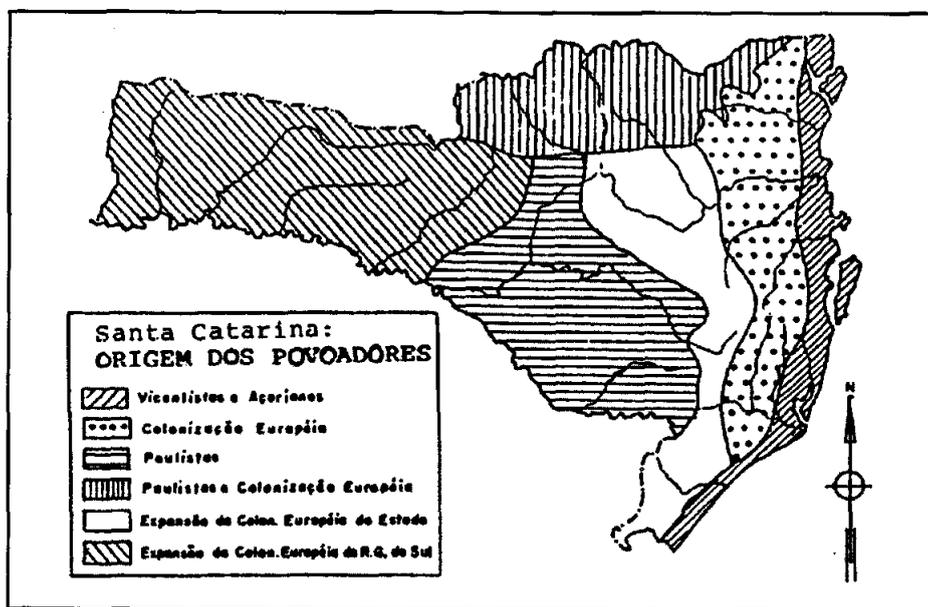
Em “Influência açoriana no léxico de Santa Catarina: nomes comuns, antropônimos e topônimos”, 1992, p.133-166, tratei de: termos designativos de elementos culturais considerados de origem açoriana (142-8); antropônimos: nominatas e genealogias (149-53); topônimos e padroeiros de igrejas (154-8). Constatei, por ex., que a quase totalidade dos nomes de ruas e logradouros públicos da capital é constituída de antropônimos de étimo português (*Fontes, Silveira, Lamego, Ramos...*), o que confirma a aludido reforço dos traços portugueses na capital pelos açorianos.

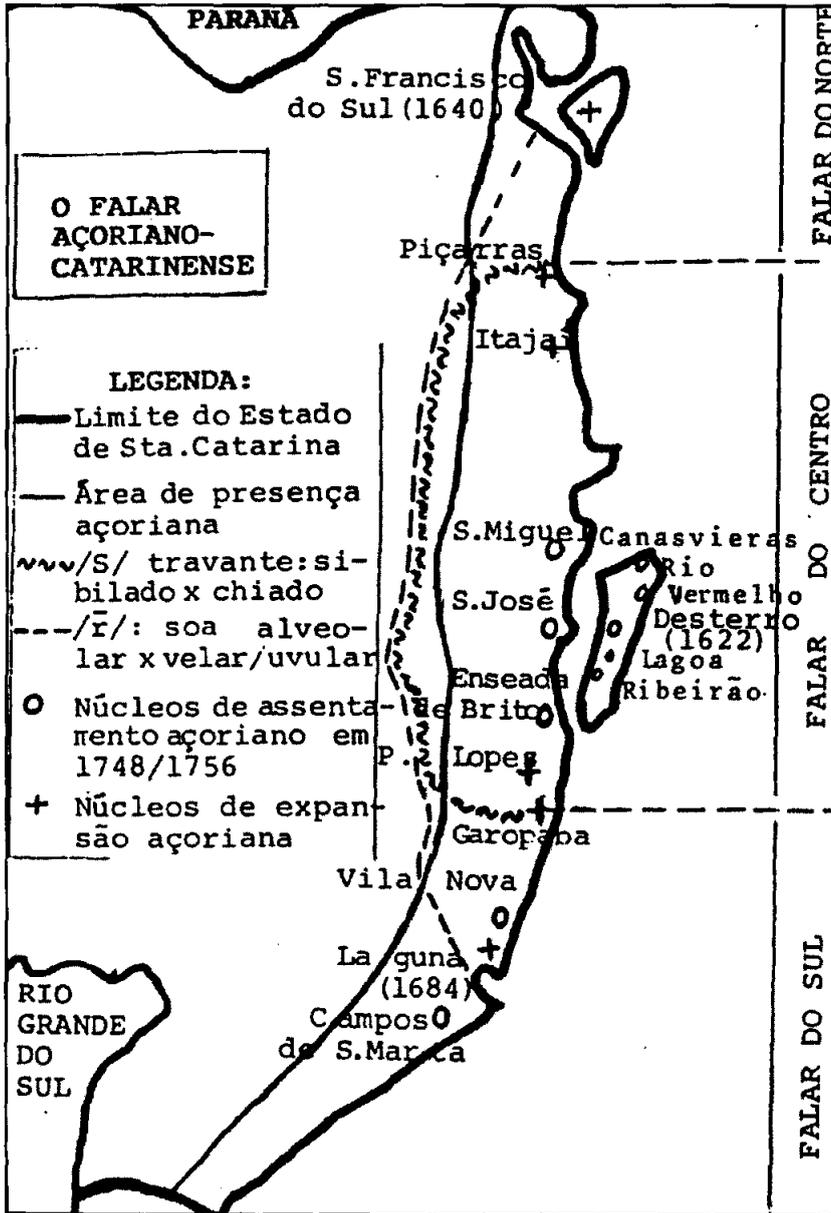
Embora alguns dos topônimos desse rol sejam de cepa açoriana (*Vieira da Rosa, Edmundo da Luz Pinto, Hercílio Luz, Antão...*), o uso de nomes açorianos para topônimos de SC encontra-se longe da gratidão a que os pioneiros açorianos e seus descendentes têm feito jus. Para-

doxalmente, o topônimo *Florianópolis* homenageia militar que fez fuzilar duas centenas de ilustres catarinenses em Anhatomirim, razão pela qual ele encontrou não poucos opositores, que se têm manifestado por escritos e atos contundentes. O cristianíssimo topônimo primitivo *Nossa Senhora do Desterro* carrega a desvantagem de não ser sucinto e de a massa popular desconhecer o fato bíblico do qual verte sua milenar dignidade e beleza. Dada a dificuldade de retornar a ele, poder-se-ia dirimir o problema mediante topônimo que,

sendo de fácil aplicabilidade, prestaria justo preito de gratidão e reconhecimento aos 6.071 pioneiros e a seus 450 mil descendentes atuais, que tanto fizeram por engrandecer SC: *Açorianópolis*. Por que não dar aos habitantes dessa capital a chance de se manifestarem sobre o polêmico tema? Custaria tão pouco, ao ensejo de eleição, submeter o assunto a plebiscito. Dar-se-ia razoável prazo para fazer vigir o veredito da grande maioria. Ao ensejo dos 250 anos, honra ao mérito aos que a ele fizeram jus!

Mapa 04-C (W.Piazza, apud SC, GAPLAN, 1986:77)
SANTA CATARINA: ORIGEM DOS POVOADORES





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa, Pascoal da Sylva, 1712/1721. 8 v. [v. 9 e 10 ed. 1927]
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos: problemas de método*. Coimbra: Coimbra Ed., 1943. 91 p. Sep. de *Brasília*, Coimbra, 3, 1943.
- ___ *Filologia e história: a emigração açoriana para o Brasil (com documentos inéditos)*. Coimbra: Coimbra Ed., 1945. 44 p. Sep. de *Biblos*, Coimbra, 20, 1945.
- ___ O Congresso de Florianópolis, comemorativo do bicentenário da colonização açoriana. *Brasília*, Coimbra, Fac. de Letras, v. 5, p. 603-667, 1950.
- ___ *Estudos de lingüística portuguesa e românica: dialectologia e história da língua*. Coimbra, Univ. de Coimbra, 1, 15, 1974.
- ___ *A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil: problemas de colonização e povoamento*. Coimbra, Univ. de Coimbra, 1983. 56 p. Sep. *Rev. Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 18, 1983.
- BUENO, Silveira. A pronúncia. In: ___ *Manual de califasia, califonia, calirritmia e arte de dizer*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1964, p. 77-84.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. Subsistência luso-açoriana no linguajar catarinense. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo, v. 40, p. 629-6245, 1982.
- ___ *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989, 241 p.
- ___ *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. In: PEREIRA, Cilene da Cunha e P. R. Dias, org. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 165-186.
- ___ *Influência açoriana no léxico de Santa Catarina (Brasil): nomes comuns, antropônimos e topônimos*. *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, UFSC, n. 19, 87/88, 1992, p. 133-166.
- LAYTANO, Dante de. Legado do idioma. In: ___ *Legado luso-açoriano na formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, MEC, Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1974, p. 7-19.
- PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: UFSC e Lunardelli, 1983. 748 p.
- ROGERS, Francis Millet. Brazil and the Azores. *Modern Language Notes*, Baltimore, 62, p. 361-170, 1974.
- SILVA NETO, Serafim da. A língua portuguesa no Brasil. In: ___ *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970, p. 581-592.
- SOUZA, Bernardino J. de. Vocabulário do Carro-de-bois. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, Acadêmica, v. 5, n. 1/2, p. 129-215, 1959/60.